

Rosa Magalhães e os figurinos para o carnaval ***Rosa Magalhães and costumes for carnival***

Madson Oliveira
Curso de Artes Cênicas – EBA/UFRJ
madsonluis@yahoo.com.br

Resumo

Apresentamos dois figurinos carnavalescos criados para o desfile de carnaval de 2005. Naquele ano, a carnavalesca Rosa Magalhães levou para a “Marquês de Sapucaí” a representação de alguns contos infantis, homenageando Hans Christian Andersen e Monteiro Lobato. Nesse artigo, mostramos o processo de criação da carnavalesca para representar parte do universo do escritor dinamarquês.

Palavras-chaves: Figurino; Carnaval; Rosa Magalhães.

Abstract

We present two carnival costumes created for the Carnival parade 2005. That year, the designer Rosa Magalhães led to the "Marquês de Sapucaí" representation of some fairy tales, honoring Hans Christian Andersen and Monteiro Lobato. In this paper, we show the process of creating the carnival to represent part of the universe of Danish writer.

Keywords: Costume design; Carnival; Rosa Magalhães.

Introdução

Os desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, desde sua oficialização na década de 1930, tem atraído o interesse de diversos setores da sociedade: seja por motivos econômicos, socioculturais ou, ainda, pelo simples prazer em participar da festa, desfilando, assistindo ou trabalhando.

Conforme GOLDWASSER (1975, p. 174), há uma grande quantidade de pessoas envolvidas com o “saber carnavalesco”, na cidade do Rio de Janeiro, em períodos que antecedem aos desfiles das Escolas de Samba, de outubro a fevereiro, com poucas variações. No restante do ano, os trabalhadores que desenvolvem alguma habilidade referente à confecção de fantasias, adereços e alegorias atuam em áreas afins, como o Teatro, o Cinema e a Televisão.

Pela concentração de Escolas de Samba, emissoras de televisão, salas de Teatro e demais produções artísticas, o Rio de Janeiro agrega profissionais de áreas criativas pela proximidade e afinidade, como: design de moda, figurino, cenografia, direção de arte, etc. Em muitos casos, um designer de moda atua também como figurinista, assim como um figurinista pode ainda contribuir com sua linguagem estética para o carnaval, entre outras possibilidades cruzadas, como as acima descritas.

Consideramos pertinente uma reflexão sobre os objetos e linguagens gerados por meio da criação carnavalesca, algumas vezes como processo semelhante ao desenvolvido para as artes cênicas, em outras, ainda, como no caso do design de moda. O campo do Design permite uma melhor compreensão da materialidade e de sua visualidade nos aspectos estéticos, simbólicos, subjetivos, históricos e sociológicos, enfatizados pela interdisciplinaridade como um dos fundamentos básicos da prática em Design, de acordo com SOMMERMAN (2006).

Nosso artigo serve de base para a relação entre o “fazer carnavalesco” e a confecção de figurinos para as artes cênicas, e conseqüentemente sua relação entre o design e o carnaval.

Para melhor entender o carnaval das Escolas de Samba

Os desfiles das Escolas de Samba passaram por várias revoluções, desde sua institucionalização e não pretendemos nos alongar nessa questão, uma vez que outros pesquisadores já o fizeram. No entanto, é importante ressaltar algumas passagens que nos ajudam a entender o momento atual.

Esses desfiles tornaram-se um evento urbano que amadureceu, dos anos 1930 aos anos 1950, iniciando na década de 1960 sua trajetória rumo aos “desfiles-espetáculos” dos anos 1980. A participação de artistas e profissionais oriundos de outras práticas que não o carnaval contribuiu para transformar os desfiles das Escolas de Samba em espaços híbridos, nos quais as diferentes práticas e experiências se juntaram para criar apresentações com forte apelo visual, através das alegorias, adereços e fantasias.

Assim, entendemos que os primeiros desfiles das Escolas de Samba cariocas foram se estruturando e, nos anos 1960, inauguraram uma nova fase, com a participação de artistas e professores de arte, como: Fernando Pamplona e Marie Louise Néry, conforme afirma FERREIRA (2004, p. 355).

A década de 1980 foi decisiva para um novo momento no carnaval, pois muitas mudanças foram efetivadas a partir da construção e inauguração de um local específico para os desfiles das Escolas de Samba, em 1984¹, conhecido como Sambódromo.

De acordo com o ciclo de desenvolvimento dos desfiles das Escolas de Samba, o ano é dividido em vários momentos, como: criação do enredo e projeto plástico-visual; execução de fantasias, alegorias e adereços; ensaios e coreografias; desfile propriamente dito; desmontagem das alegorias e, finalmente (ou inicialmente), preparação de um novo ciclo.

Este circuito se desenvolve de acordo com cada agremiação, mas há um calendário comum a todas as Escolas que ocupa alguns meses do ano. Sem generalizar este calendário, pudemos observar, através da participação em diversas agremiações carnavalescas, que o carnaval comumente é organizado em etapas que, com poucas variações, se repetem nas Escolas de Samba, pois todas seguem uma espécie de calendário ao contrário, contabilizando os dias que faltam para o seu desfile. Essas etapas foram esquematizadas a seguir (no Quadro 01) e sublinhamos, principalmente, as etapas referentes às fantasias.

Quadro 01 – Ciclo de produção dos desfiles

Etapa	Meses	Ação
01	Fevereiro/ Março	Os desfiles das Escolas de Samba;
02	Abril/Maio	Desmontagem das alegorias; reaproveitamento de materiais; venda de esculturas para outras agremiações;
03	Maio/Junho	Contratação/recontratação de carnavalesco e outros profissionais, como: mestre de bateria, diretor de harmonia, etc.; eleição de nova diretoria;
04	Junho/Julho	Desenvolvimento do enredo;
05	Julho/ Agosto	Lançamento do enredo e <u>desenho das fantasias</u> e alegorias; definição do roteiro do desfile; entrega da sinopse do enredo para a ala de compositores do samba-enredo;

¹ O sambódromo foi inaugurado em 1984 e, de acordo com CAVALCANTI (1999, p. 75): “expressou o reconhecimento oficial do potencial turístico, econômico e artístico do desfile na vida da cidade”.

06	Agosto/ Setembro	<u>Confecção de peças-piloto ou protótipos</u> a serem entregues aos diretores de ala, para reprodução; ensaios nas quadras, com eliminação dos sambas-enredos pré-selecionados; início de trabalhos para estruturação de alegorias (ferragem, marcenaria);
07	Outubro	Desfile de lançamento das principais <u>fantasias-protótipos</u> ; escolha final do samba-enredo; início de trabalho de decoração das alegorias (trabalho de bancadas);
08	Novembro/ Dezembro	<u>Confecção das fantasias</u> de ala (nos barracões), de composição e destaque (em ateliês externos); lançamento dos sambas-enredos;
09	Janeiro/ Fevereiro	Finalização de decoração nas alegorias; finalização e <u>entregas de fantasias</u> e adereços e, finalmente, preparação para o desfile.

Cada vez mais, as Escolas de Samba vem se utilizando das artes teatrais para tornar seu trabalho mais legível e admirado pelo grande público e comissão julgadora. É nesse contexto que apresentamos nosso objeto de estudo nessa apresentação.

Os figurinos carnavalescos, na prática

Entendemos a prática do figurino como uma atividade próxima ao Design por tratar questões também de cunho projetuais, como: inspiração/referência, cor, forma, significado, função, desenho, etc. Ademais, como afirma BOMFIM (1998, p. 162) “O projeto é a atividade onde informações de natureza abstrata serão transformadas em algo concreto – a forma. A esta atividade pertencem três tarefas principais: a organização de informações, a geração de conceitos e a apresentação de resultados”.

Tal qual a moda, o figurino também estabelece um sistema peculiar de sinais que, combinados, resultam numa escrita encerrada no espetáculo cênico. Utiliza-se dos objetos do sistema vestimentar de forma diferenciada daquela que empregada na moda. No entanto, se não for determinado de acordo com a encenação, o figurino não se põe a serviço do indivíduo e de seu universo social, mas molda-se conforme o outro universo que o espetáculo cênico determina.

No caso das Escolas de Samba, os figurinos carnavalescos possuem, basicamente, três categorias: (1) fantasias de ala, (2) fantasias de composição

e (3) fantasias de destaque ou de luxo. As alas são grupos de brincantes que desfilam “no chão” e usam um mesmo modelo de fantasia representando parte do enredo. Esses grupos podem variar em quantidade de participantes, chegando a um número de, aproximadamente, 200 componentes, como no caso das alas de baianas ou bateria e são reproduzidas nos próprios barracões ou em ateliês externos de cada agremiação, em espécies de manufaturas prestadoras de serviços ou profissionais fixos contratados por cada agremiação (etapa 08). Para esse artigo, apresentamos somente as características das fantasias de ala, pois os exemplos que mostramos se referem a esse tipo de trabalho.

As fantasias fazem parte do projeto visual iniciado com o desenvolvimento do enredo (etapa 05). Para entendermos melhor a importância das fantasias nos desfiles de Escolas de Samba, FERREIRA (1999, pp. 105-6) descreve os tipos de elementos imprescindíveis para uma boa compreensão de seus significados, pois

“as fantasias para escola de samba têm elementos específicos e podem ser classificadas quanto ‘aos patamares corporais’, em: elementos apoiados na cabeça; elementos apoiados nos ombros; elementos apoiados na cintura; elementos apoiados no pescoço; elementos apoiados nos braços e pernas; elementos presos às mãos e elementos presos aos pés”.

As fantasias são compostas por chapéus, perucas, palas, ombreiras, colares, gravatões, anquinhas, escudos, braçadeiras, perneiras, sandálias, etc. Desta maneira, os integrantes das agremiações utilizam espécies de “próteses” que aumentam as alas, vertical e/ou horizontalmente, a fim de: (1) “dar leitura” ao público, por conta da distância das arquibancadas e (2) reforçar o entendimento dos personagens e pontos chaves descritos nos enredos.

De maneira geral, o projeto de figurinos é realizado a partir de desenhos ou croquis, manuais ou digitalizados. Muitos carnavalescos contratam desenhistas e ilustradores profissionais para este fim. Isso acontece, geralmente, entre os meses de julho e agosto (etapa 05), para dar tempo de apresentar algumas fantasias à comunidade no desfile de fantasias-protótipos, em setembro ou outubro (etapa 06). Além destas fantasias, outras são também

desenhadas e distribuídas para componentes de destaque, na Escola. Após a finalização do projeto de fantasias, são contratados profissionais específicos para sua confecção, como: contramestres, costureiras, adrecistas e sapateiros. Assim, a criação passa para a confecção, começando pelas fantasias-protótipos, que são desfiladas nas quadras de cada agremiação e apresentadas à comunidade (etapa 07): as Escolas desenvolvem um exemplar de cada fantasia de ala que ficou conhecida como fantasia-protótipo, a fim de realizar um estudo sobre os melhores materiais e calcular os custos de cada figurino.

As fantasias-protótipos antecedem à confecção das fantasias que compõem as alas nos desfiles das Escolas de Samba. Cada ala comercializada pela Escola possui um encarregado em fazer a venda e entrega das fantasias: o diretor de ala. Ele é o responsável pela confecção e venda de fantasias, sendo comum oferecer suas fantasias em classificados de jornais, sites na internet e, pessoalmente, nos ensaios realizados nas quadras das Escolas de Samba. Geralmente, esta pessoa contrata profissionais para reproduzir em grande quantidade, a partir das fantasias-protótipos, encarregando-se do pagamento dos profissionais, compra de materiais e entrega das fantasias aos seus compradores. É durante a festa de protótipo que ele faz a escolha de uma ala para ser o responsável (etapa 06). Este procedimento, a prototipagem das fantasias de alas, foi se desenvolvendo pela necessidade de um melhor esclarecimento sobre o figurino como um todo (frente e costas), já que somente receber os desenhos ou croquis não eram suficientes para eliminar totalmente as dúvidas, conforme GOLDWASSER (1975, p. 164)

Os materiais utilizados na confecção de fantasias também parecem incomuns, pois, além dos tecidos, alguns carnavalescos utilizam acetatos, paetês, plumas, penas e aviamentos que servem para adereçar as fantasias. O trabalho é muito rebuscado, pois, apesar de alguns aviamentos e bordados serem comprados a metro, industrializados ou manufaturados em oficinas especializadas, o modo de aplicação é, muitas vezes, manual, ressaltando, assim, o caráter artesanal.

Especificamente, no caso de Rosa Magalhães o processo é diferente.

Rosa Magalhães e seus figurinos carnavalescos² (e teatrais)

Apresentamos o processo de criação e desenvolvimento de duas fantasias da carnavalesca Rosa Magalhães que deixou registrado em um de seus livros como ela deu forma a dois temas extraídos do universo infantil. Para o carnaval do ano de 2005, a carnavalesca desenvolveu um enredo sobre o escritor dinamarquês Hans Christian Andersen que pode ser exemplificado na Figura 01, facilitando o entendimento do caminho percorrido pela carnavalesca, desde o desenho de seus croquis até as fantasias em seu desfile, no Sambódromo.

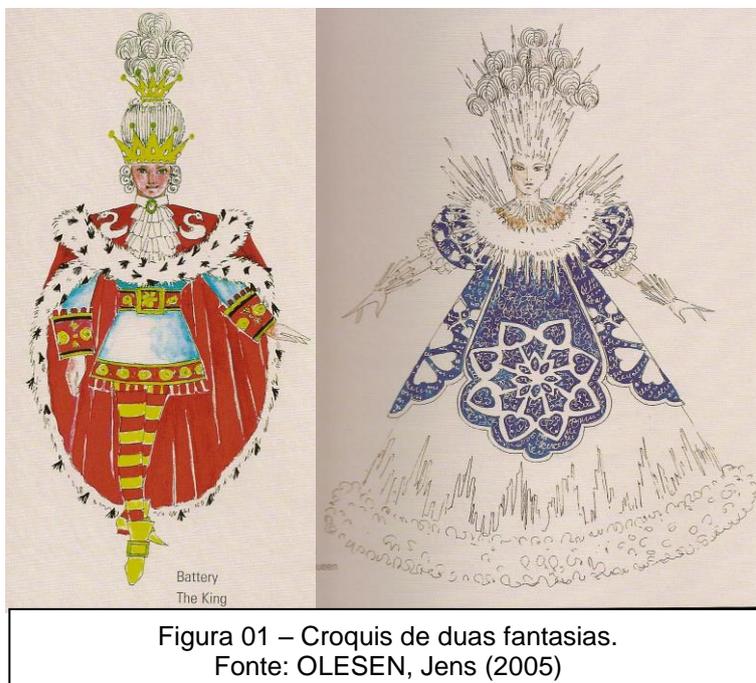


Figura 01 – Croquis de duas fantasias.
Fonte: OLESEN, Jens (2005)

Nesse exemplo, podemos perceber dois tipos de inspiração para um projeto de figurinos: no primeiro croqui, a fantasia da bateria faz referência ao conto infantil do autor dinamarquês “A nova roupa do rei”. Há referências à figura do rei tanto no adereço de cabeça, a coroa, como no manto real vermelho, com pele de arminho branco. Já no caso do segundo figurino, a ala das baianas é imaginada como a representação do frio, gelo e elementos que simbolizam o inverno rigoroso na Dinamarca, a partir da representação das

² Para algumas pessoas, figurino refere-se ao desenho de fantasia, quando a fantasia ainda não foi confeccionada. Para nosso trabalho, este termo é sinônimo de fantasia.

cores “frias”, branco e azul. No adereço de cabeça e nos ombros, o desenho da fantasia apresenta representações de estalactites pontudas para se parecerem com fragmentos de gelo. Tanto na gola, quanto na barra do vestido podemos enxergar uma horda de pele branca, fazendo referência ao pelo alto próprio das roupas que protegem contra o frio intenso. Mais adiante, ainda nesse tópico, mostramos outras fases destes mesmos figurinos.

Além dos desfiles de protótipo, alguns carnavalescos realizam um trabalho bem delicado que é a confecção de protótipos em miniatura. A partir dos croquis mostrados anteriormente de Rosa Magalhães, a carnavalesca costuma fazer, além da apresentação das fantasias-protótipos na quadra de sua Escola (Etapa 07), fantasias-protótipos miniaturizadas, conforme a Figura 02.



Figura 02 – Protótipos miniaturizados da Bateria e Baianas
Fonte: OLESEN, Jens (2005)

Nesta fase da prototipagem, a equipe do carnavalesco consegue “tirar do papel” aquela ideia somente rascunhada ou desenhada. O projeto dimensiona a proporcionalidade dos seus elementos, nas fantasias em miniaturas. Formas, texturas e volumes são testados para melhor representar os croquis, inicialmente desenhados. Aquele carnavalesco que realiza o

protótipo em miniatura consegue usar em seu protótipo os tecidos que mais se aproximam dos desenhos e as soluções para o modelo final começam a ser testadas nesta fase.

Nesse caso específico, a embaixada da Dinamarca fez uma série de apresentações sobre o trabalho desenvolvido pela carnavalesca, por conta de apoio financeiro que deu ao GRES Imperatriz Leopoldinense. A carnavalesca foi convidada, inclusive, a expor os seus croquis e todo o processo, desde os desenhos, passando pelos protótipos miniaturizados no Museu de Belas Artes (RJ) e as fotos de todo o processo transformaram-se em livro, distribuído pela Embaixada da Dinamarca, conforme OLESEN (2005).

Nos croquis (Figura 01) e protótipos miniaturizados (Figura 02) apresentados anteriormente, mostramos o resultado final no desfile do GRES Imperatriz Leopoldinense, referindo-se ao enredo sobre Hans Christian Andersen, conforme vemos na Figura 03, abaixo:



Figura 03 – Fantasia de alas: bateria e baianas.
Fonte: OLESEN, Jens (2005)

As fantasias prontas não revelam a grande quantidade de etapas que antecedem aos desfiles, como: desenho de croquis, compra de materiais,

confeção de protótipos e reprodução das fantasias. Tudo isso de uma forma que alia o modo artesanal com a ajuda de alguns processos manufatureiros ou de design, como vimos nas etapas descritas anteriormente e que utilizam as máquinas: de costura, pistola de cola quente, soldas, placas de acetato, etc.

Com as fantasias, os adereços e as alegorias em processo de confecção, os barracões e ateliês ficam repletos de “funcionários”³ dando forma às ideias designadas pela equipe de criação, geralmente chefiada pelo carnavalesco ou pela comissão de carnaval.

De acordo com os exemplos apresentados até aqui, observamos que os elementos plástico-visuais dos desfiles das Escolas de Samba funcionam como uma espécie de sintaxe que comunica as informações principais desenvolvidas no enredo. Estes objetos carnavalescos, compostos pelas alegorias, adereços e fantasias, “escrevem” visualmente as partes da história, que deve ser compreendida pelos que assistem aos desfiles das Escolas de Samba. Esta “escrita visual” é o que possibilita a definição das assinaturas dos carnavalescos e o *status* como artistas modernos ou designers de uma prática ainda por se estabelecer.

Desta maneira, podemos perceber que a função do carnavalesco em uma Escola de Samba demonstra “como certos indivíduos no mundo do carnaval carioca funcionariam como ponto de confluência de algumas ‘tensões e relações’”, conforme demonstrou SANTOS (2009, p. 160). Entendemos o trabalho realizado pelos carnavalescos atuais em parte como arte, em parte como design e, por isso, podemos estudar os objetos carnavalescos, ao mesmo tempo, como processo e produto de “novas formas de design”.

Conclusão

Nosso trabalho assinalou algumas observações que deixamos pontuadas, como: há uma proximidade entre os produtos de figurino para artes cênicas e para o carnaval. Enquanto o figurino cênico é uma peça de roupa única, feita sob medida para o ator, o figurino carnavalesco de ala é

³ As pessoas que trabalham confeccionando fantasias, tanto em barracões de Escolas de Samba, quanto em ateliês, não necessariamente possuem vínculo empregatício com os seus contratantes, na maioria das vezes, trabalhando no regime de serviços prestados ou de maneira autônoma.

reproduzido em quantidade. No entanto, ambos carregam simbologias e tem a função de contribuir para a encenação.

Os figurinos carnavalescos são produtos de uso único e possuem um período do ano a serem usados, em função da festa carnavalesca. Contudo, as fases se assemelham ao processo de desenvolvimento de figurinos cênicos, considerando o seu processo de criação, passando pela confecção até o uso. Assim, percebemos uma aproximação entre ambas as profissões: figurinismo cênico e figurinismo carnavalesco.

Bibliografia

BOMFIM, G. A. **Idéias e formas na história do design**: uma investigação estética. João Pessoa: Universitária, 1998.

CAVALCANTI, M. L. V. de C. **O rito e o tempo**: ensaios sobre o carnaval. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

FERREIRA, F. **O livro de ouro do carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

_____. **O marquês e o jegue**: estudo das fantasias para escolas de samba. Rio de Janeiro: Altos da Glória, 1999.

GOLDWASSER, M. J. **O palácio do samba**: estudo antropológico da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

OLESEN, J. **Hans Christian Andersen**: Carnival 2005 Imperatriz Leopoldinense. S/l: s/e, 2005.

SANTOS, N. S. dos. “Estilo autoral e individualidade artística: os carnavalescos no carnaval”. In: CAVALCANTI, M. L. e GONÇALVES, R. (Org.). **Carnaval em múltiplos planos**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

SOMMERMAN, A. **Inter ou transdisciplinaridade?**: Da fragmentação disciplinar ao novo diálogo entre os saberes. São Paulo: Paullus, 2006.